

O Trabalho nos Mares: Vivências de Prazer e Sofrimento de Pescadores Artesanais

Ana Zenilce Moreira

Universidade Estadual do Ceará, Brasil - anazenilce@gmail.com

Ana Cristina Batista dos Santos

Universidade Estadual do Ceará, Brasil - ana.batista@uece.br

Resumo

O estudo investiga as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de pescadores artesanais na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Trata-se de pesquisa qualitativa, com coleta de dados por meio de treze entrevistas semiestruturadas com pescadores artesanais que atuam no litoral de um estado do Nordeste do Brasil. Os treze sujeitos foram definidos por método de conveniência, desde que atendessem ao critério de serem trabalhadores do mar. Os dados foram tratados por meio da Análise dos Núcleos de Sentido (a ANS). Os resultados revelaram que as principais fontes de prazer no trabalho dos pescadores artesanais surgem da identificação com o trabalho, da realização e da coletividade.

de. Os principais sofrimentos enfrentados por eles, no trabalho, são oriundos de um grupo de fatores de risco, da falta de reconhecimento e da ausência de medidas organizacionais e políticas públicas. Por fim, a relação com o mar é fonte tanto de prazer como de sofrimento. Contribui-se com uma nova visão acerca das vivências de prazer e sofrimento no trabalho de uma categoria profissional historicamente estigmatizada e esquecida pelo poder público e pela sociedade, alertando quanto à necessidade de reforçar a segurança no trabalho desses indivíduos e a urgência de políticas públicas que os assegurem reconhecimento e valorização profissional.

Palavras-chave: Prazer, sofrimento, pescador artesanal, trabalho.

The Work at the Seas: Experiences of Pleasure and Suffering of Artisanal Fishermen

Abstract

The study investigates the experiences of pleasure and suffering in the work of artisanal fishermen from the perspective of Psychodynamics of Work (POW). It is a qualitative research, with the data collection supported by thirteen

semi-structured interviews conducted with artisanal fishermen who work on the coast of a northeastern Brazilian state. The thirteen subjects were defined by convenience method, as long as they met the criterion of being

sea workers. A core meaning-based analysis, ANS, was used to treat the data collected. The main sources of pleasure in the artisanal fishermen's work come from the identification with work, realization and collectivity. The main sufferings faced by them in work come from a group of risk factors, from the lack of recognition, and from the absence of organizational measures and public policies. Lastly, the relationship with the sea results

in both pleasure and suffering in work. The contribution is a newer conception about the experiences of pleasure and suffering in the work of a historically stigmatized and forgotten professional category by public power and society, making an alert about the need to reinforce work safety for this group and the urge for public policies that can assure them recognition and professional valorization.

Keywords: Pleasure, suffering, artisanal fishermen, work.

1 INTRODUÇÃO

O século XXI é o século dos mares e dos oceanos. Com exploração em grande escala e utilização dos recursos terrestres, têm surgido conflitos entre as pessoas e o uso dos recursos da Terra (Liu, Xu, Wang, & Xie, 2017). O oceano desempenha papel importante na sobrevivência e no desenvolvimento dos seres humanos, assim como os seres humanos estão cada vez mais envolvidos em atividades relacionadas à exploração do oceano (Yang, Geng, Fu, & Zhu, 2022).

A China é um grande produtor de peixes, com 35% da produção global em 2018. Nesse mesmo ano, parte significativa da produção foi oriunda da Ásia (34%), seguida pelas Américas (14%), Europa (10%), África (7%) e Oceania (1%). O Brasil, contudo, não informa os dados de produção oficial inerentes à captura e aquicultura desde 2014, à exceção dos dados sobre atuns e espécies congêneres que são obtidas por meio das organizações regionais de gestão de pescas (RFMOs), que são organizações internacionais formadas por países com interesses pesqueiros em uma área (Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO, 2020).

A classificação das categorias da Pesca Comercial Artesanal no Brasil ocorre de acordo com a Lei nº 11.959/09, na qual a pesca profissional se divide em pesca industrial e artesanal. Para efeitos de aplicação da instrução normativa nº 06/2012, pescador profissional na pesca artesanal é aquele que desempenha a atividade de pesca profissional em regime de economia familiar ou de modo autônomo, utiliza meios de produção próprios ou atende a contrato de parceria, pode atuar de forma desembarcada ou usar embarcação de pesca com arqueação bruta (AB) menor ou igual a

20 (vinte); enquanto o pescador industrial é aquele que, na condição de empregado, exerce a atividade de pesca profissional em embarcação de pesca com qualquer arqueação bruta (Brasil, 2021).

Para Santos e Almeida (2016), a pesca é uma das atividades ocupacionais mais perigosas, principalmente por conta da alta ocorrência de acidentes, frequentemente, fatais. As condições de trabalho dos pescadores são distintas das situações vivenciadas pelos trabalhadores de outros setores. Isto porque na pesca não há uma notória separação entre o tempo de trabalho e de lazer ou atividades particulares, como é perceptível em muitos trabalhos.

Face às singularidades desse contexto laboral e à escassez de pesquisas que abordem as condições laborais objetivas, subjetivas e intersubjetivas desses trabalhadores, o presente artigo procurou investigar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de pescadores artesanais na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Para tanto, foram conduzidas treze entrevistas semiestruturadas com pescadores artesanais de diferentes espaços geográficos do litoral de um estado do Nordeste brasileiro. A Análise dos Núcleos de Sentido (ANS) foi utilizada nas etapas de tratamento dos dados narrativos obtidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Economia do Mar e o Trabalho dos Pescadores

A pesca é uma atividade essencial à segurança alimentar e nutricional global e oferece meios de desenvolvimento a fim de contribuir para a prosperidade, a pacificidade e a justiça mundiais. Os recursos pesqueiros e de aquicultura, nos ecossistemas marítimos e de água doce, constituem uma das maiores fontes mundiais de proteína animal. De acordo com o relatório *The State of World Fisheries and Aquaculture* (SOFIA) de 2022, publicado pela Food and Agriculture Organization of the United Nations (2022), em 2018 a produção global de peixes foi estimada em cerca de 179 milhões de toneladas. A aquicultura foi responsável por 46% da produção total e 52% do pescado foi utilizado para consumo humano. Em 2019 a produção global foi de 177,4 milhões de toneladas e em 2020 foram 177,8 milhões de toneladas.

O termo “pescador” designa toda pessoa engajada ou empregada a qualquer título e que exerce uma atividade profissional a bordo de uma embarcação de pesca, com

a inclusão de pessoas que trabalham a bordo e com remuneração baseada em participação da captura. Estão excluídos dessa classificação demais pessoas a serviço permanente de um governo, pessoas em terra encarregadas de realizar trabalhos a bordo de uma embarcação de pesca, observadores de peixes e o pessoal naval (Organização Internacional do Trabalho, 2020).

A atividade pesqueira no Brasil é regida pela Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Essa lei dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. Destaca-se que a pesca nacional se classifica nas seguintes categorias: i) artesanal; ii) industrial; iii) científica; iv) amadora; e v) de subsistência.

Entre os anos de 2014 e 2019, a produção aquícola no Brasil cresceu 1,25% ao ano, devido ao desempenho superior de duas regiões, Sul e Sudeste, que detiveram, praticamente, 50% da produção nacional, com 282 mil toneladas (Ximenes, 2021). Entre as principais dificuldades para o desenvolvimento deste setor, em paralelo com os demais setores marinhos e marítimos, aponta-se a falta de coleta, sistematização e divulgação de estatísticas a respeito da atividade pesqueira no país (Embrapa Pesca e Aquicultura, 2020; FAO, 2020).

Em acréscimo, mesmo havendo uma tendência de crescimento no número de empregos nesse setor no Brasil, especialmente naquelas atividades de caráter adjacente, como o comércio, especialistas e organizações sinalizam a ausência de dados oficiais sobre a geração de renda e a quantificação das atividades pesqueiras no país, o que dificulta uma mensuração precisa dos números desse setor, sendo o aperfeiçoamento das bases de dados e dos métodos de aferição, portanto, um dos principais desafios e necessidades para o levantamento das informações sobre o setor pesqueiro brasileiro (Andrade, Hillebrand, Santos, Mont'Alverne, & Carvalho, 2022).

Apesar de o Brasil ter muito potencial na produção de pescado, o país ainda possui uma contribuição pequena na produção mundial. É preciso destacar que o Brasil foi explicitamente mencionado de forma negativa no Relatório 2020 da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) sobre o estado mundial da pesca e da aquicultura, por não disponibilizar seus dados oficiais de produção desde 2014 (FAO, 2020).

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2009), frequentemente, a remuneração dos trabalhadores é baseada na divisão das capturas de um barco ao invés de um salário fixo, peculiaridade essa que diferencia o setor pesqueiro. Isso contribui para a existência de pescadores que não são trabalhadores no sentido convencional, haja vista que muitos são proprietários-armadores ou são considera-

dos trabalhadores autônomos. Portanto, as tipologias e salvaguardas estabelecidas para as pessoas que trabalham em ocupações e indústrias em terra certamente não são adequadas ou eficazes para o setor pesqueiro.

Dos fatores de risco no trabalho do pescador, destacam-se os riscos físicos, sobretudo o frio e os fatores ergonômicos, particularmente as lesões músculo-esqueléticas, em decorrência das cargas excessivas, de posturas forçadas, de movimentos com repetição, do estresse, inadequada organização e tensão para a manutenção do equilíbrio frente às instabilidades da embarcação. Além desses, há relatos de teor patológico, como o enfrentamento de doenças imunoalérgicas e oncológicas (Santos & Almeida, 2016).

Por fim, muitos pescadores vivem e trabalham a bordo de seus barcos em condições de aglomeração ou de confinamento. Podem ser submetidos a extensos períodos distantes de suas residências, em jornadas de trabalho bastante exaustivas. O acesso a alimentos adequados e a água potável, assim como às instalações de lazer durante as suas horas de descanso, podem representar um contratempo. A fadiga juntamente a extensas jornadas de trabalho consiste em um grave problema para esses profissionais (Organização Internacional do Trabalho, 2009).

2.2 Prazer e Sofrimento do Trabalhador na Perspectiva da PDT

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) pode ser definida como uma análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos que são mobilizados pela situação do trabalho (Sznelwar, Uchida, & Lancman, 2011). Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (2007, p. 18), a Psicodinâmica do Trabalho “designa o estudo dos movimentos psicoafetivos gerados pelo aprimoramento dos conflitos intersubjetivos e intrasubjetivos” existentes no trabalho. Segundo a teoria dejouriana, prazer e sofrimento são vivências que integram os movimentos psicoafetivos de qualquer trabalho, pois os conflitos intersubjetivos e intrasubjetivos são inerentes ao trabalhar.

Assim, o presente artigo parte do pressuposto de que o trabalho dos pescadores tem uma psicodinâmica permeada por prazeres e sofrimentos peculiares, próprios desse tipo específico de trabalhar. A PDT estabelecida por Dejours relaciona sofrimento e prazer no trabalho, além de fornecer evidências para o envolvimento subjetivo do trabalhador, sua mobilização, estratégias, perspectivas de criação, bem como adoecimento no desempenho de sua atividade (Cavanellas & Brito, 2019).

Desde a sua formação, a PDT se relaciona com a psicanálise, a psicologia e a ergonomia, além da sociologia e da medicina do trabalho, entre outras áreas (Dejours, 2004). Cabe destacar a diversidade de atividades profissionais, ou profissões, que são o escopo dos estudos da teoria da Psicodinâmica do Trabalho. Esse aspecto demonstra a teoria em pauta como um conjunto de concepções teóricas e procedimentos metodológicos relevantes, coesos e atualizados, que são aplicados em estudos e pesquisas com uma abrangência de situações laborais, pertencentes a processos de sofrimento e adoecimento no trabalho (Conde, Cardoso, & Klipan, 2019).

O escopo de investigação da “Psicopatologia do Trabalho” foi ampliado pela PDT (Gemelli & Oltramari, 2020). A averiguação sobre a patologia manteve-se em posição de notoriedade, contudo a sua compreensão foi amplificada, pois são utilizados conceitos que consideram tanto sofrimento quanto prazer e o adoecimento mental, assim como a normalidade, sendo essa última definida como o equilíbrio psíquico encontrado entre as defesas psíquicas e o destabilizante ou patogênico constrangimento do trabalho (Soldera, 2016).

Acerca do sofrimento, Conde et al. (2019) afirmam que este é uma patologia quando as aspirações individuais são inadequadas ao trabalho, de modo que o indivíduo atua somente em prol da produtividade, mas ele também pode ser remodelado em “criatividade” e age de forma positiva para a identidade e para a mobilização da saúde. Assim, por intermédio da modificação do sofrimento, é possível que ele seja convertido em criatividade e contribua de modo positivo com o sujeito, assim como no favorecimento da saúde. Dessa forma, a PDT passa a ter um novo questionamento sobre o que se pode fazer para alterar o destino do sofrimento, bem como a sua transformação em prazer.

O sofrimento no trabalho tem início quando, apesar do zelo do trabalhador com o seu trabalho, ele não consegue realizar a tarefa a contento. Em contraste, o prazer começa quando o trabalhador consegue criar soluções convenientes, por conta do seu zelo, para concretizar o seu trabalho e evitar ou transformar os sofrimentos. Assim, prazer e sofrimento no trabalho não são um suplemento de alma, são estritamente indissociáveis do trabalhar. O zelo no trabalho é, irredutivelmente, associado ao engajamento afetivo da subjetividade em conflito com o real do trabalho, aquele que se apresenta por sua resistência ao domínio das prescrições (Dejours, 2012).

Ao analisar a constituição do “medo” no ambiente de trabalho, Bedoya-Dorado (2019) constatou que os participantes de seu estudo destacaram a coletividade ao se referirem sobre o sentimento, pois em seus relatos reconheceram-se como membros

de um grupo social que pode ser atingido pela ação de outros sujeitos. Sobressaiu-se também a discussão sobre a vivência do medo de ser demitido ou de perder o emprego, que envolve não somente o desempenho do trabalhador em sua organização, mas o relacionamento com seus chefes e colegas, assim como as decisões gerenciais.

Sob outra visão, as implicações psicológicas estabelecidas pela violência no trabalho, nem sempre explícitas por meio de transtornos psíquicos, foram verificadas em circunstâncias de acentuado sofrimento. Conforme constatado no estudo realizado por Lancman et al. (2009), os sujeitos investigados desenvolveram estratégias para reduzir esse sofrimento, defenderam-se de modo psíquico e continuaram a trabalhar; buscaram compor redes de solidariedade e de proteção com a população no intuito de diminuir a vulnerabilidade. Em resumo, aprenderam, a partir da experiência acumulada, a identificar situações de risco com a finalidade de evitar aquelas situações ameaçadoras.

Para Dejours (1987), o sofrimento é um estado de luta experimentado por trabalhadores para não adoecerem. Nessa perspectiva, sofrimento é uma lacuna entre a saúde e a doença. Com a intenção de se proteger do sofrimento mental no trabalho, o indivíduo desenvolve estratégias defensivas. Apesar de a maioria dos estudos sobre o estresse ocupacional estarem interessados nos mecanismos que os indivíduos utilizam para se adaptarem, a PDT analisa os processos intersubjetivos para compreender as estratégias defensivas coletivas relacionadas à mobilização de vários indivíduos que foram expostos às mesmas situações constrangedoras e estressoras no ambiente organizacional (Vézina, 1996).

Dejours (1993) descobriu que os trabalhadores não são passivos diante das restrições organizacionais e são capazes de se protegerem de seus efeitos nocivos à saúde mental. Ou seja, os trabalhadores sofrem, mas sua liberdade frente ao sofrimento se manifesta na construção de estratégias defensivas. Disso, as oito estratégias de adaptação são: confronto, distanciamento, autocontrole, fuga-evitação, reavaliação positiva, resolução de problemas, busca de apoio social e aceitação de responsabilidade (Alderson, 2004).

As organizações também podem promover um ambiente que gere prazer no trabalho. Para isso, faz-se necessário promover a identidade de uma pessoa com o trabalho que executa na organização onde trabalha, permitindo que esse indivíduo utilize suas competências e desenvolva outras. Desse modo, o sujeito terá condições de desenvolver um maior senso de domínio do ambiente e de autorrealização (Vézina, 1996). Destaca-se também a função positiva fornecida comumente pelo reconheci-

mento ao converter o sofrimento derivado do trabalho em prazer, em consolidação do ego e no fortalecimento da identidade (Areosa, 2021).

3 MÉTODO

O presente estudo orientou-se por uma abordagem qualitativa, aquela em que cientistas sociais se aprofundam no mundo dos significados, visto que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2016). Conforme Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é o que se aplica ao estudo das histórias, das relações, das representações, das percepções e das opiniões, sendo o resultado das interpretações que os sujeitos fazem sobre a sua forma de viver, como sentem, pensam e constroem seus artefatos.

Para a coleta dos dados, foram realizadas treze entrevistas semiestruturadas, conforme acessibilidade aos indivíduos, com foco nos relatos de suas vivências no trabalho. Essa técnica tem o objetivo de obter informações em profundidade e que se ajustam à proposta da entrevista qualitativa (Bauer & Gaskell, 2018). Dessa maneira, foi estabelecido o uso de um roteiro pré-elaborado, visto que, devido à sua flexibilidade, esse tipo de instrumento permite a inclusão ou a exclusão de perguntas na ocasião de sua aplicação.

Quanto à amostragem, a pesquisa classifica-se como amostragem de casos múltiplos, por contraste-saturação (Pires, 2008). Em suma, as pesquisas qualitativas enquadradas como de amostragem por casos múltiplos sustentam-se em duas formas-tipo, sendo: (i) a das entrevistas com vários indivíduos e (ii) a dos estudos coletivos de casos, de acordo com Pires (2008). Neste estudo, utilizou-se a primeira tipologia. Os treze pescadores entrevistados exercem a atividade pesqueira artesanal marítima em distintos setores, áreas e pontos de pesca localizados no litoral de um estado do Nordeste brasileiro. A Tabela 1 traz o perfil dos entrevistados.

Tabela 1

Perfil dos pescadores artesanais entrevistados

Nº	Nome fictício	Idade	Escolaridade	Estado civil
1	Jetro	62	Ensino Fundamental Completo	Casado
2	Petros	44	Ensino Médio Incompleto	Casado
3	Yosef	66	Ensino Médio Incompleto	Solteiro
4	Noah	67	Analfabeto	União estável
5	Elazar	60	Ensino Médio Completo	Casado
6	Phillipos	36	Ensino Médio Incompleto	Solteiro
7	Zion	43	Ensino Médio Incompleto	União estável
8	Dawid	68	Analfabeto	Casado
9	Elijah	33	Ensino Médio Incompleto	Solteiro
10	Lewi	39	Ensino Fundamental Completo	Solteiro
11	Stephanus	40	Ensino Fundamental Completo	Casado
12	Hazáq	52	Ensino Fundamental Completo	Casado
13	Evágon	75	Ensino Fundamental Incompleto	Viúvo

Fonte: dados da pesquisa (2024).

As entrevistas tiveram tempo médio de duração de 54 minutos e foram realizadas por acessibilidade *in loco*, nas praias de atuação dos pescadores. Conforme consta na Tabela 1 e por questão de privacidade e ética, os nomes dos pescadores foram substituídos por nomes fictícios. Os entrevistados são do gênero masculino, com faixa etária intercaladas entre os 33 e 75 anos, sendo que este último mesmo aposentado ainda exerce o trabalho. No perfil de escolaridade, constatou-se a participação de pescadores analfabetos a participantes com ensino médio completo.

Para a análise dos dados, foi aplicada a Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), cujos principais objetivos consistem no agrupamento e interpretação sistemáticos de conteúdo para a investigação de “temas psicológicos sobressalentes do discurso” (Mendes, 2007, p. 72). Com isso, é necessária uma leitura repetitiva e pormenorizada dos dados, visando a definição precisa dos núcleos de sentido. São exemplos de núcleos de sentido os excertos listados a seguir: i) “É você reconhecer que é pescador”; ii) “Me sinto gratificado e vitorioso”; iii) “Eu preciso do meu amigo e meu amigo precisa de mim”; iv) “Na época de muito vento não dá”; v) “Com a ventania e com a chuva tão medonha”; vi) “Não pode dar ao luxo de sentar”; vii) “Eles não reconhe-

cem”; viii) “Não ter uma política pública”; ix) “Eu gosto de estar dentro do mar”; e x) “O mar é cruel demais”.

Em síntese, foram identificados sete temas que versam sobre as vivências de prazer e de sofrimento no trabalho dos pescadores participantes deste estudo. Na validação destes resultados, foram aplicados 2 critérios: o teste de representatividade, que aponta o percentual de frequência de cada tema na totalidade das 13 entrevistas; e o teste de consistência interna, que é a relação entre as unidades de contexto (falas/trechos das entrevistas) associadas a um tema e a totalidade dessas unidades. Os resultados dos dois são expressos em porcentagem.

Em acréscimo, deve-se esclarecer que os temas selecionados foram aqueles com uma representatividade maior que 60% e uma consistência interna igual ou superior a 10%.

A partir da Tabela 2, pode-se acessar em detalhes essa etapa de validação.

Tabela 2

Testes de validação dos temas acerca das vivências de prazer e sofrimento

Temas	Representatividade	Consistência Interna
I. Identificação com o trabalho	8/13 (61,5%)	23/229 (10%)
II. Realização	11/13 (84,61)	34/229 (14,8%)
III. Coletividade	10/13 (76,9%)	30/229 (13%)
IV. Fatores de riscos	11/13 (84,61)	53/229 (23%)
V. Falta de reconhecimento	8/13 (61,5%)	27/229 (11,7%)
VI. Ausência de medidas organizacionais e políticas públicas	10/13 (76,9%)	34/229 (14,8%)
VII. Relação com o mar	9/13 (69,2%)	28/229 (12,2%)

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Da Tabela 2, aponta-se os temas de realização e fatores de risco com o maior percentual de representatividade. Quanto à consistência interna, os resultados são similares, com destaque também para o tema de ausência de medidas organizacionais e políticas públicas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os sete temas dentro das vivências de prazer e sofrimento dos pescadores entrevistados são: identificação com o trabalho; realização; coletividade; fatores de risco; ausência de medidas organizacionais e políticas públicas; falta de reconhecimento; e relação com o mar.

4.1 Identificação com o Trabalho

No trabalho dos treze entrevistados, a origem e raízes familiares desempenham uma função fundamental na escolha do indivíduo em tornar-se um pescador; e, ainda mais importante, em reconhecer-se como tal. Essa noção de identidade, inclusive, ultrapassa as documentações, por exemplo, para abranger a liberdade e a autonomia de ser quem se é e para fazer o que gosta.

Diante disso, inicialmente, o prazer no trabalho tem como fonte a possibilidade de dar continuidade aos papéis que, via de regra, eram exercidos pela figura do pai, destacando a forte influência da trajetória biográfica dos sujeitos nessa identificação com o trabalho, o que vem já desde muito cedo. É o caso dos participantes Elazar, Jetro e Phillipos, que entraram na atividade pesqueira aos 8, 12 e 15 anos, respectivamente. As falas a seguir ilustram melhor essa discussão: “Aqui a geração passa de pai *pra* filho. É tipo o que tá no sangue da gente. Meu pai é pescador, meu avô era pescador” (Phillipos); “Meu trabalho é esse mesmo, só esse mesmo. Minha vida é essa aqui, eu quero viver nesse mar. Enquanto eu tiver vivo, que eu puder remar, eu *tô* indo. [...] Eu quero ficar nesse trabalho *inté* chegar ao fim de vida” (Dawid); “[...] É você reconhecer que é pescador. Ter no coração e na mente; e que seu pai era pescador e agora ‘eu sou’, então, influir dessa atividade, desse nome de pescador. E mostrar que é! Não existe esse negócio de dizer ‘ah, eu sou pescador, só no nome, ah, no documento!’” (Jetro).

Adiciona-se a isso o prazer que advém do zelo com o trabalho (Dejours, 2012), que não despropositadamente emerge junto a essa paixão pelo que se faz: “Eu amo minha profissão” (Petros); “Eu gosto do mar, é o meu esporte predileto *pra* melhor lhe dizer” (Elazar); e “Quando eu vou *pro* mar, eu consigo comer do melhor que produzi” (Hazáq). O que contribui para a autorrealização e o reforço da identificação com a prática profissional (Vézina, 1996).

Embora exista esse forte senso de pertencimento à categoria dos pescadores, muitos sujeitos deixaram claro não querer a profissão para os seus filhos. É interessante apontar que isso se dá, principalmente, pelos perigos de se estar no mar e pela própria desvalorização dos pescadores, dentro e fora da profissão. Esse resultado coaduna com as dificuldades de acesso a pescadores com faixa etária mais jovem percebida por uma das pesquisadoras no momento da pesquisa de campo, haja vista que mais de 50% dos participantes do estudo têm idade acima dos 50 anos, inclusive, conforme relato de Yosef: “Meu pai é pescador. Pesca ainda com 89 anos!”.

Essa constatação pode ser vista também na Tabela 1 e está em consonância com os achados de Andrade et al. (2022), que apontaram o crescimento do número de empregados nesse setor em áreas adjacentes, como o comércio. Desse modo, convém refletir sobre a escassez de mão de obra mais jovem na atividade pesqueira artesanal, uma vez que há pescadores que já não se veem nessa atividade, tampouco anseiam ver seus filhos atuando nesse meio e, assim, já não os incentivam. Conforme relato de Stephanus, “Mas hoje eu já me vejo, além da pesca, eu já me vejo fora da pesca”; “A gente não gostaria que nossos filhos também fossem viver dessa forma de pesca, enfrentar esse marzão como os pais. Mas, isso é uma coisa que a gente pensa isso *pra* eles, mas isso é uma coisa deles”, encerra o pescador.

4.2 Realização

Deste tema, foi possível compreender como a concretização do trabalho revela-se como uma fonte de prazer intrínseco à própria prática do pescador. O prazer é: “O peixe tocando na linha” (Stephanus), é a emoção de “acertar um cardume” (Elijah) e “chegar na pescaria e ter bastante peixe *pra* pegar” (Jetro), é, ainda, “ver os peixes *brincar*” (Lewi). Destaca-se uma compreensão de conquista que é resultado, sobretudo, de uma boa pescaria. O pescador se sente um vitorioso quando consegue vencer o mar e retornar com uma produção abundante.

Essa realização pode ser encontrada nas seguintes falas: “A alegria que eu tive no mar foi quando a gente pegou muita lagosta. A gente pegou uns 60 kg de lagosta” (Zion); “[...] Lembro do dia que eu peguei nove camurupim. Nove peixes! O cardume *tava* lá embaixo. Quando você acerta o cardume dele, é bom demais. Não esqueço mais não. É muita emoção!” (Elijah); “[...] chegar na pescaria e ter bastante peixe *pra* pegar, só isso mesmo! É o que favorece, é pescaria boa, é o favorecimento que o pescador tem e, na volta, que ocorra tudo bem, que chegue com saúde, e que chegue

em paz. Água muito funda, de longe chegaram *pra* vender o peixe e pegar o seu dinheirinho e ir *pra* casa” (Jetro).

Essa consciência de conquista que proporciona vivências de prazer a partir de práticas rotineiras de trabalho já foi discutida nos estudos de Vézina (1996) ao afirmar que a promoção da identidade do indivíduo com o trabalho o permite a utilização de suas competências, assim como o desenvolvimento de outras. Este estudo contribui ao mostrar que, dado o início precoce na atividade pesqueira, muitos dos participantes entrevistados conquistaram uma emancipação financeira e um crescimento pessoal por meio da pesca artesanal. O que levou à criação de um vínculo estreito de gratidão à profissão que coube a eles, porque: “foi onde eu me aprumei, foi onde eu ganhei dinheiro” (Noah). Este vínculo é tão forte que, no relato de Dawid, ele chega a confessar que: “É bom pescar e eu quero morrer pescando”.

Para além disso, ao revisitar a fala de Jetro, fica nítida a importância de ser bem-sucedida a trajetória que compreende o entrar e sair do mar, envolvendo, inclusive, na medida do possível, a preservação do bem-estar físico do pescador (ver: “Eu me sinto alegre, me sinto um vitorioso! Venci a batalha sem nenhum *quebramento*, nenhum osso quebrado e sem nenhuma danificação no corpo”). Assim, este tema mostrou que o prazer no trabalho de pescadores pode originar-se da possibilidade de levar o sustento da família, mas, acima de tudo, da admiração e do gosto pelo fruto de seus esforços, como pode ser visto a seguir: “É bonito a pessoa pegar peixe! É bonito!” (Noah); “O que eu achei bom, que eu não esqueço é o peixe, né?! Toda vida eu gostei muito de peixe e peixe eu peguei muito, graças a Deus!” (Evágon).

4.3 Coletividade

Na criação deste tema, sobressaiu-se a amizade e a boa convivência no ambiente onde atuam os pescadores, seja na praia ou em alto mar. Se para Bedoya-Dorado (2019) o medo foi o objeto de estudo para compreender a ‘coletividade’, aqui prevaleceram solidariedade e camaradagem. Isso porque, de modo geral, para que haja segurança e realização das atividades, os pescadores precisam de ajuda na execução das múltiplas tarefas que eles exercem quando estão no mar e quando nele ingressam e dele retornam. Dos 13 sujeitos entrevistados nesta pesquisa, somente o pescador Dawid afirmou pescar sozinho, apesar de não descartar companhia: “As vez que tem algum companheiro que chegue ‘rapaz, eu vou contigo’, aí eu ‘bora’. Aí não tem, no dia que *num* tem ninguém, aí eu vou *sozim*”.

O compartilhamento do pescado é também um elemento central na compreensão deste tema, haja vista que a sobrevivência de muitas famílias depende disso, porque nem sempre o pescador vai vender o que pescou. Muitos relatos expõem casos de pesca para a subsistência de um grupo ou da própria comunidade onde o sujeito está inserido. É o caso dos trechos indicados a seguir:

Todos somos benquistos uns com os outros na beira da praia, mas existem momentos...Vamos dizer assim, de necessidade, que tem uma questão da ajuda, aí uns ajudam os outros (Yosef).

A gente tem uma cultura aqui, a nossa, a nossa família, a gente não vem direto com o peixe *pra* nossa casa, vai direto *pra* casa da mãe, lá *nós tira* o nosso e lá a gente deixa o resto do peixe, um de vender, o resto que fica lá, aí ela decide se vai dar *pra* algum amigo (Lewi).

Essa discussão serve também para esmiuçar como são complementares os temas formados. Por exemplo, é possível afirmar que o prazer que os pescadores vivenciam a partir da realização de uma boa pescaria reflete na coletividade, quando esse pescado é compartilhado. Esse aspecto de solidariedade surge então como uma nova fonte de prazer. É como disse Noah: “É uma safra de peixe boa. *Né só pra* mim não, é *pros* meus amigos *tudinho*... *Pros* meus amigos *tudinho* da praia”. A amizade é uma conquista do trabalho desses sujeitos, que, mesmo quando não estão pescando, encontram-se reunidos em rodas de conversas à beira-mar ou nas proximidades das praias, conforme constatado por uma das pesquisadoras em campo.

Outro ponto importante surge da figura de um bom patrão, porque ele – que geralmente é o dono da embarcação – se responsabiliza pelo fornecimento do material necessário à realização da pesca, inclusive, da alimentação dos pescadores, que é denominada *rancho*. Na fala de Noah, fica explícita a satisfação em se ter um patrão que ajuda: “Tem mais uma coisa, quando o *nego* pega um patrão bom, o *nego* vai *pro* mar feliz e pega peixe, Deus ajuda”. Contudo, há nesse mesmo cenário um contraponto, em relatos nos quais os pescadores, como Elazar, expressaram preferir trabalhar de forma autônoma, sem a interferência de patrão, demonstrando um apreço pela liberdade. Conforme o esclarecimento do pescador Elazar:

O Trabalho nos Mares: Vivências de Prazer e Sofrimento de Pescadores Artesanais

Ah, pescador é um trabalho muito bom! Porque ele, ele vai no dia que quer. Ele não é obrigado a ir *pro* mar, porque ele não tem patrão, o patrão é ele mesmo. Se a embarcação for dele, como a minha é, eu vou no dia que eu quero *pro* mar.

Outro contraponto é que, em um momento, pôde-se perceber que, no âmbito dessa discussão acerca da coletividade, a relação do pescador com seus companheiros (inclusive o patrão) pode levar a uma vivência de sofrimento. Yosef trouxe à tona como é sentir-se constrangido ao voltar do mar sem produção, o que leva a uma série de reflexões acerca do trabalho desses pescadores.

Como já mencionado, é necessário existir um esforço coletivo para que tudo ocorra bem no trajeto da pescaria, envolvendo pessoas com diversas funções – como é o caso de quem ajuda na preparação na praia, mas não necessariamente vai ao alto mar. Dessa maneira, o número de profissionais afetados quando não há pescado é muito grande. A fala a seguir busca esclarecer melhor esse impacto da coletividade também na vivência de sofrimento:

Eu fico um pouco constrangido, né?! Porque, além do pessoal que fica em casa, a gente tem os companheiros da gente que trabalham também, que a gente conhece como ‘botador’, que é um dos companheiros que ele bota a embarcação *pra* cima e *pra* baixo, né?! Leva *pra* a água e traz. Aí, ele sobrevive dali também. E também se a gente não trouxer, ele não tem nada também. A gente fica um pouco constrangido disso, porque a pessoa faz muita força e não tem um retorno, né?! (Pescador Yosef).

Em conformidade com a Organização Internacional do Trabalho (2020), estão excluídas da atividade pesqueira pessoas em terra encarregadas da realização de uma atividade a bordo de uma embarcação de pesca. Todavia, dada a importância que essas pessoas têm para o trabalho do pescador, estes os consideram em suas redes de solidariedade como uma forma de proteção, com o propósito de diminuir a vulnerabilidade (Lancman et al., 2009).

4.4 Fatores de Risco

No contexto de trabalho do pescador, a natureza não somente é o meio onde ele executa as suas atividades laborais, é também uma fonte inesgotável e permeada por

riscos, sobretudo no que tange aos aspectos ambientais e ergonômicos nos quais ele experencia as mais diferentes formas de sofrimento. As tempestades em alto mar, as ondas e, principalmente, o vento podem causar danos irreparáveis aos pescadores em suas atividades laborais, seja pela impossibilidade de acessar o peixe, pela perda da produção, pela destruição das embarcações e instrumentos de trabalho, pelas incertezas ou possibilidade de ocorrência de acidentes que chegam a ocasionar prejuízos à saúde mental e do corpo, podendo, inclusive, resultar na perda da própria vida.

Sobre os riscos ambientais e, conseqüentemente, a dificuldade de conseguir o peixe, Hazáq destacou: “Às vezes, é o vento forte, às vezes, a chuva, as intempéries da natureza, né?! E você não consegue uma boa produção, só sofrimento”. De forma semelhante, Yosef relatou o cenário da realização do trabalho e a perda da produção ao afirmar: “Aí a gente fica naquele sofrimento do mar judiando com a gente, levando e trazendo, jogando água e a gente atrás de se segurar... A gente já passou por esse tipo de sofrimento. Perde tudo! Na hora que ela vira, aí a gente perde produção, perde tudo”. A depender do período e intensidade dos ventos, o trabalho sequer pode ser realizado, mais um fator que contribui para a falta de produção, conforme foi destacado por Petros: “Agora, a gente fica sem pescar porque vai ter o período do vento bastante forte. E a gente não quer ir porque, assim, tende a acontecer em qualquer canto, mas se a gente for *pra* lá, a gente vai procurar, vai se arriscar mais ainda. É uma época que não ajuda”.

São inúmeras as situações de convívio com a insegurança no trabalho e o risco de acidentes mencionados pelos pescadores. Conforme Zion, “Na época de muito vento não dá, rasga a vela, quebra pau, gira a gente... Sofrimento e mais sofrimento”; e “Porque o mar, quando o temporal chega, que ele lhe pega, ele não tem pena de você não... Primeiro de tudo, ou ele rasga o pano da embarcação ou ele lhe vira” (Elazar). Agrega-se também os riscos de serem atingidos por navios ou embarcações de grande porte, tal como mencionou Elijah: “Às vezes o perigo é esse, você tá em alto mar, com muito vento. Uma onda pode lhe virar, o navio bater em você”.

Esse convívio com a insegurança e as incertezas é algo que, de tanto maltratar o pescador, o faz pensar em desistir da profissão, sobretudo por não ter exatidão sobre o retorno para a terra firme, conforme consta nos seguintes relatos: “É quando o vento *tá* forte, que a gente não pode pescar. Rebola a jangada *pracolá*, rebola *pra cá*, rebola *pracolá*, e a gente tem que ficar agarrado ali. Se soltar, vai *simbora*, ninguém vai mais atrás não” (Dawid); “É uma profissão que a gente nunca teve o dom de ter outra, mas é muito arriscada. A gente toda viagem sai, o dia a dia a gente vai, sabe que

vai, mas ninguém sabe se volta” (Petros); “Aqui a penitência é medonha, a penitência medonha de pescar no mar” Dawid; e “[...] já sofri muito por esse mar *véio* de meu Deus, com vento, com chuva, dizendo que não volto mais *pro* meu trabalho” (Noah).

Convém indicar as pressões e consequências na saúde mental e do corpo destes profissionais que foram evidenciadas em suas narrativas, inclusive, o risco de vida. Pelas vias do psiquismo, Noah e Phillipos respectivamente detalharam: “Tão sufocado, se sente sufocado com a ventania e com a chuva tão medonha que o *nego* leva, que o *nego tá* no mar vendo só água e céu”; e “Aí a gente encalhou, deixou lá a embarcação e aí a gente foi bem pertinho. A gente fica com medo, né?! De morrer, né?! E a gente fica com medo, assustado, mas a gente tenta manter a calma e tenta pensar, botar a cabeça *pra* pensar, *pra* fazer alguma coisa, né?”.

Quanto ao corpo, Noah descreveu situações de enfrentamento de chuva e de frio impeditivas da realização do trabalho, em que já não tinha forças para execução da tarefa: “[...] das 6 horas da tarde, passar no outro dia, meio-dia em ponto, às vezes. A pessoa, com aquele plasticozinho, se enrolando, e amanhecer o dia, quase com os dentes *tudo colado*, e não poder nem abrir”. Complementa o pescador sobre o comprometimento dos sentidos: “*Pra* tudo tem que ter a faca, amarra o anzol, *pra* tudo a faca é necessária e você precisa do tato nas mãos. Aí, você chega a levar tanto vento, tanta água, que você fica, não sente aquele instrumento na mão e fica ruim demais”.

As dores sentidas pelo corpo, oriundas de movimentos repetitivos, de força e levantamento de peso que a atividade laboral demanda, expressam a realidade dos riscos ergonômicos e das implicações para a saúde desses profissionais.

A principal causa de sofrimento são dores. Que vai chegando, assim, um determinado momento que você fica praticamente imóvel de dores. Principalmente na parte da coluna, né?! Só devido aquele movimento de levantar esse peso, sobe, desce... (Yosef).

Sob o ponto de vista da PDT, e em conformidade com Cavanellas e Brito (2019), essas vivências provocam nos trabalhadores o acionamento de estratégias defensivas. Por outro lado, quando as estratégias defensivas não operam satisfatoriamente, pode emergir o adoecimento. Por vezes, não são acessadas suas perspectivas de criatividade ou mobilização frente aos fatores de risco.

A precariedade das condições de trabalho e o mal-estar aos quais esses trabalhadores estão expostos surgem também na fala de Jetto, ao afirmar: “Olha, isso é

uma pescaria artesanal tão perigosa! Você vai em pé, tem que voltar em pé, porque o mestre diz assim: *vem uma refrega*¹ *aí*, ele sabe. *Aí* é uma refrega que vai *aí*, olha. É o vento que vai levando”. Na busca de proteger-se da chuva e de assegurar a própria sobrevivência, Noah evidenciou a ausência de conforto e a impossibilidade de produção: “Você entra (na embarcação), porque dentro você vai encontrar um calor depois que veda essa tampa *aí*, você vai encontrar um calorzinho, mas só que ali você não *tá* produzindo, tem tudo isso *pra* pescar artesanal”.

O “trabalho ininterrupto” é outra fonte ocasionadora de mal-estar nos pescadores, tendo em vista intensas cargas horárias de trabalho, a ausência de descanso, inclusive o impedimento de diálogo entre os pares, porque os pescadores precisam estar atentos no momento da navegação, conforme o relato de Jetro: “O sofrimento é esse, é eu não poder relaxar... O pescador artesanal, ele não pode se dar ao luxo de se sentar e vir navegando e conversar com o seu companheiro”.

Estudos realizados por Santos e Almeida (2016) evidenciaram a periculosidade, a letalidade nos acidentes de trabalho, as distintas condições de trabalho e a ausência de separação entre tempo de trabalho e de descanso entre esses profissionais e que são destacadas por Petros: “A carga horária nossa, nós não temos limite da carga horária. Porque, assim, a gente sai 8 horas da manhã, que são dois parceiros meu, 8 horas da manhã e vamos lá 4 horas da tarde. É a noite *todinha* pescando”. E de acordo com Phillipos, o tipo de embarcação contribui para a ausência ou acesso a um tempo de descanso: “Rapaz, não tem não descanso, nessa embarcação pequena não, só em embarcação grande. Quando a gente *tá* lá, pescando de dia e de noite, dorme pouco, sabe?! Descansa ali um pouquinho”.

4.5 Falta de Reconhecimento

A *invisibilidade* é um dos principais fatores que atravessam as vivências de sofrimento dos participantes desta pesquisa. De uma forma geral, os pescadores se sentem “marginalizados” e até mesmo discriminados pela sociedade e pelo poder público. Isto é resultado de um conflito existente entre o fato de eles saberem da importância que possuem no bom funcionamento do comércio de alimentos e o pouco, ou inexistente, reconhecimento que é atribuído à categoria.

O pescador Hazák deixou isso muito claro ao afirmar o seguinte: “Ou seja, estão deixando invisível a categoria que mais produz, fora dos agricultores, que mais

1 Rajada forte de vento.

produz alimento”. Yosef, por sua vez, confessou que: “Então, você vai sempre, como pescador, ser conhecido como uma pessoa, vamos dizer, assim, um *Zé Ninguém*”.

Os estereótipos popularizados pela sociedade – como o “todo pescador é mentiroso” – são também responsáveis por influenciar vivências de sofrimento nesses sujeitos, que, dentre outras coisas, veem as suas histórias serem deslegitimadas por aqueles que desconhecem a realidade do pescador. Assim, muitos enfrentam dificuldades que vão além das financeiras, como a falta de acesso a serviços essenciais, como a própria formalização de seus documentos profissionais.

O trecho a seguir da entrevista com Hazáq desenvolve essa problemática: “Hoje, *tá* com uns seis anos que não se recebe a licença de pesca das embarcações, só coloca no sistema os dados, renovando os dados do sistema. Mas, não tem uma embarcação que tenha recebido sua licença, nem um dono de embarcação que tenha recebido, e nem a carteira nova de pescador”.

Aliada à falta de reconhecimento constatou-se a necessidade de espaço de fala: “[...] quando se trata de pescadores, nem todo mundo tem paciência de estar ouvindo. É uma coisa que muita gente leva *pro* lado errado. Por que eu quero dizer isso?! Porque, ‘Ah! O pescador é mentiroso.’ Eu fico até chateado com esse tipo de conversa que eu *tô* ouvindo, porque é um dia a dia que a gente vive de sofrimento” (Yosef).

Também foi possível identificar que existe uma diferença na forma como são tratados pelos órgãos públicos os pescadores artesanais, em relação àqueles da pesca industrial, especialmente os que pescam lagosta. Isso causa um sentimento de revolta e implica em momentos de tristeza e desamparo, em que o pescador somente quer ter os seus esforços reconhecidos. Na entrevista do pescador Stephanus, ele pede “um olhar melhor *pra* nós, o pescador artesanal”. A ausência do reconhecimento traduz-se como fonte de sofrimento, sobretudo por não ter sido possível sua conversão, a partir do trabalho, em prazer (Areosa, 2021).

4.6 Ausência de Medidas Organizacionais e Políticas Públicas

As interpretações alcançadas a partir deste tema revelaram que os pescadores artesanais só se sentem “vistos” pelos órgãos públicos, quando precisam cumprir com as suas obrigações. A contrapartida nem sempre acontece. E este grupo, que é essencial para a manutenção das áreas de preservação e dos períodos de defeso da lagosta, por exemplo, sofre quando comparado aos pescadores industriais, que possuem os melhores e mais modernos equipamentos de trabalho. Identificou-se, a partir disso, a

inércia do poder público em, pelo menos, tornar mais justa essa realidade do trabalho dos pescadores artesanais.

Zion e Lewi resumiram bem esse cenário de competição injusta, com os seus consequentes desdobramentos, conforme apontado nos trechos a seguir: “E a gente, não é por causa da gente, que a gente tenta proteger, mas tem umas pessoas que *quer* destruir a pesca. Hoje, a gente sofre muito também com essa pesca de mergulho” (Lewi); e “Mas é sufoco. Se acordar às três horas. Tem dia que a gente sai daqui, *nós sai* às três horas da manhã, e chega lá e não pega nenhuma lagosta. E os caras que *tão* mergulhando, o mergulho, os compressores, entendeu?! Aí, eles vão e pegam toda a lagosta. E a gente fica sem pegar nada” (Zion).

Logo, chega ao ponto em que algumas vivências de sofrimento aqui discutidas se aglutinam. Em sua entrevista, Dawid fala que uma forma de facilitar seu trabalho seria com o uso de uma embarcação a motor (“Facilitar um *motorzim*. Isso aí é que eu tinha vontade. Porque a força *tá* se acabando... Um *barcozim* motorizado”), tendo em vista já a redução de sua força física (aos 68 anos de idade). O que parece, todavia, visto a realidade posta, difícil de ser alcançado. Nessa pesquisa, por exemplo, já foi apontada a dificuldade até de manter atualizada a documentação profissional; dadas as dificuldades impostas pela falta de ação dos órgãos competentes.

Hazáq chamou a atenção para a escassez de políticas públicas que cooperem para o pescador se desenvolver no trabalho. O que pode ser visto na precariedade de muitas das embarcações e também nas próprias condições de trabalho de indivíduos que enfrentam ininterruptas jornadas de trabalho, lidando com perigos naturais e ergonômicos em seu dia a dia no mar e nas praias. E como nas discussões a respeito da *falta de reconhecimento*, o descaso do poder público faz com que o pescador se sinta assim: “Ele se sente, assim, excluído da sociedade, porque, devido à necessidade dele de ir agredir o mar, sem ter uma forma de respeito, porque, se ele tivesse as condições, um amparo... Se o pescador não trabalhar, ele não come, ele não *bota* comida dentro da casa” (Jetro).

Também se revelou muito doloroso para os pescadores o abandono e a ausência de medidas quando um pescador desaparece ou se acidenta no mar. Muitos dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa compartilharam histórias de amigos ou familiares que nunca foram encontrados e nem tiveram suas famílias acolhidas pelas autoridades responsáveis. Em seu relato, Jetro desabafou: “Enfim, esses homens *tão* hoje mortos. E nenhum acolhimento, nenhum sustento da parte das autoridades *pra* família dele. Isso está em oculto ainda, vai fazer seis anos, vai fazer sete anos”. E mais uma vez vem

à tona a vivência do desamparo e do medo de acabar passando pela mesma experiência, porque o pescador “não tem força *pra* lutar com órgãos governamentais” (Jetro) e ainda o abandono “a nível de governo federal”, reforça Hazáq.

Esses resultados potencializam os alertas de Andrade et al. (2022), FAO (2022) e Gonçalves Neto et al. (2021) a respeito da necessidade urgente que tem ocorrido no Brasil de atualização dos dados oficiais sobre as atividades pesqueiras, além da necessidade de adequadas políticas públicas, como destacado por Gonçalves Neto et al. (2021).

4.7 Relação com o Mar

Em nove entrevistas, foram encontrados indícios de que a experiência com o mar pode levar, conjuntamente, a vivências de prazer e de sofrimento. Portanto, este tema reúne todos os dados que, por um lado, apresentam uma visão idealizada e, até mesmo, poética do mar, e, por outro, uma concepção mais negativa, tratando-o como algo cruel e medonho.

Essa dualidade pode ser acessada nos trechos seguintes:

O trabalho mais perigoso é o do mar. O mar é cruel demais. Tem dia lá que dá vontade de chorar, minha irmã. Tem que despescar o material. Vento Leste, você não pode nem abrir os olhos. Tanto vento (Zion).

Nego tando no mar, o mar não tem doença. O mar é só vento livre. Só a brisa do mar. De noite, aquele vento *tá* só na água e não tem mau cheiro, não tem mais nada. Você vê que no mar, você come um peixe, lava as mãos, não fede a peixe, não fede a nada, aqui em terra você come um peixe, se não sair bem lavado, a *negada* diz ‘ô catinga de peixe’ (Noah).

A relação com o mar é prazerosa quando ela possibilita a manutenção dos costumes, ritos e cerimônias dos indivíduos: “É bom demais... Você almoçar em cima da natureza um peixe que você acaba de pegar” (Elazar); e “O que é que eu gosto do mar?! É pescar e cozinhar de lá *pra cá*” (Zion); e quando ela permite a experimentação de um senso de aventura por meio da própria navegação: “Outra coisa foi navegar, foi navegar lá do Rio Grande do Norte aqui para o Ceará, navegar daqui *pra lá* também, em Catamarã. Tudo isso dá prazer de fazer, sabe?!” (Hazáq). A relação com o mar

também gera prazer, quando propicia vivências de paz e liberdade, mesmo diante da execução do trabalho: “Lá no mar, a gente se sente bem. Eu gosto de estar dentro do mar” (Phillipos); e “É porque lá é só sossego, lá só tem felicidade, e quando pego um peixe na linha... aí é que fico mais feliz mesmo. Lá não tem estresse não” (Elijah).

Em contraste, o sofrimento emerge, principalmente, quando o sujeito se sente decepcionado com o mar, seja por meio da necessidade de *despescar* o material, como foi destacado por Zion, seja pela impossibilidade de realizar seu trabalho devido a condições ambientais. Diante disso, percebe-se a complementariedade do presente tema com o dos fatores de risco. A proximidade do pescador com o mar é enfraquecida, levando às vivências de sofrimento, quando este coloca em risco a vida e o bem-estar daquele.

Da entrevista com Dawid, destacou-se o trecho a seguir, que descreve este sofrimento: “Fica assim, a gente, passando aí, a gente passa duas, três noites acordado, com o vento... Mas, aí, a gente é pescando, chegar em casa sem nada, é um sofrimento medonho”. Logo, há evidências de que as vivências de prazer e sofrimento se intercalam face às experimentações de sossego e decepção, de tranquilidade e medo/apreensão que estão em consonância com Conde, Cardoso e Klipan (2019) quando afirmaram que, quando os anseios individuais não estão adequados ao trabalho e com um foco na produtividade podem tornar-se patogênicos. Todavia, em situações de criatividade e conversão contribui tanto para a identidade quanto para a saúde e bem-estar dos trabalhadores, conforme acessado entre os pescadores artesanais participantes deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo objetivou fornecer *insights* acadêmicos, gerenciais e sociais que possam contribuir para o campo de estudos da Psicodinâmica do Trabalho (PDT) e da Economia do Mar, visando, entre outros avanços, despertar a atenção para a necessidade urgente de melhoria das condições de trabalho dos pescadores artesanais no complexo contexto brasileiro.

Academicamente, contribui-se com uma nova concepção acerca das vivências de prazer e sofrimento no trabalho, ao considerar uma categoria profissional historicamente estigmatizada e preterida. Isso, para além da teoria, tornou possível a visualização de uma relação de natureza quase simbiótica entre o sujeito pescador e o mar,

do qual ele não vive sem e que é, ao mesmo tempo, o seu local de trabalho e uma fonte de prazer e de sofrimento.

Sob o ponto de vista gerencial e social, a presente pesquisa fornece um amplo conjunto de informações que pode sustentar a tomada de decisão de gestores quanto à criação e à implementação de políticas em distintos níveis que visem, de acordo com os achados deste artigo: a) ao aumento da segurança no trabalho dos pescadores, tendo em vista os diversos fatores de risco aos quais eles estão expostos, sejam estes os riscos ambientais ou ergonômicos; b) à melhoria da comunicação e da relação entre sindicatos, cooperativas e poder público, que pode, muitas vezes, dificultar o acesso dos trabalhadores a alguns dos seus direitos básicos, como é o caso da documentação profissional, o recebimento de parcelas indenizatórias e a garantia do recebimento de benefícios como o seguro defeso.

A principal limitação do estudo consistiu na dificuldade de acesso aos sujeitos e enfrentamento de riscos e perigos na movimentação geográfica das pesquisadoras, em se tratando de regiões muitas vezes distantes e isoladas. Estudos futuros podem superar esse obstáculo ao definirem uma estratégia de acesso aos pescadores.

Sugere-se como novos estudos a investigação com diferentes trabalhadores de distintas regiões litorâneas do Brasil inseridos nas categorias de pesca, sobretudo os pescadores industriais, com o objetivo de entender as suas vivências laborais e estabelecer um comparativo com a presente pesquisa. Além disso, sob o prisma da Psicodinâmica do Trabalho (PDT), recomenda-se a realização de pesquisas com profissionais que diretamente se relacionam com os pescadores, como os comerciantes de peixes, proprietários de embarcações e trabalhadores dos distintos setores que fazem parte da Economia do Mar.

REFERÊNCIAS

- Alderson, M. (2004). La psychodynamique du travail: objet, considérations épistémologiques, concepts et prémisses théoriques. *Santé Mentale au Québec*, 29(1), 243-260.
- Andrade, I. de O., Hillebrand, G. R. L., Santos, T., Mont'Alverne, T. C. F., & Carvalho, A. B. *Texto para discussão: PIB do mar brasileiro, motivações sociais, econômicas e ambientais para sua mensuração e seu monitoramento*. Rio de Janeiro: IPES, 2022.

- Areosa, J. (2021). Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho. *Revista Katálysis*, 24, 321-330.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2018). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes. 516 p.
- Bedoya-Dorado, C. (2019). Construção social do medo no trabalho: Análise a partir da noção de atmosfera afetiva. *Innovar*, 29(73), 25-37.
- Brasil. Presidência da República (Casa Civil). *Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009*. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei n. 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei no 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11959.htm
- Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. *Empregador: trabalhadores agropecuários, florestais, da pesca e trabalhadores assemelhados*. (2020). <http://consulta.mte.gov.br/empregador/cbo/procuracbo/conteudo/tabela3.asp?gg=6&sg=6&gb=3>
- Brasil. Ministério da Agricultura e Pecuária - MAPA. *Registro Pescador Profissional*. (2021). <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e-pesca/registro-monitoramento-e-cadastro/registro-pescador-profissional>
- Cavanellas, L. B., & Brito, J. (2019). Os desafios do cuidado em situações-limite: as dramáticas da atividade no trabalho humanitário. *Laboreal*, 15(2), 1-26.
- Conde, A. F., Cardoso, J. M., & Klipan, M. L. (2019). Panorama da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil entre os anos de 2005 e 2015. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 19-36.
- Dejours, C. (1987). *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dejours, C. (1993). *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. Subjetividade, trabalho e ação. (2004). (Trad. Heliete Karam & Júlia Abrahão). *Produção*, Santa Catarina, 14(3), 27-34.

- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (2007). *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2012). Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. *Psicologia em Estudo*, 17 (3), 363-371.
- Embrapa Pesca e Aquicultura. (2020). O mercado de peixes da piscicultura no Brasil: Estudo do segmento de supermercados. *Boletim de Pesquisa e desenvolvimento*, 25. Palmas: TO.
- Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2020). *The State of world fisheries and Aquaculture 2020: Sustainability in action*. Rome: FAO, 2020.
- Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2022). *The State of world fisheries and Aquaculture 2022: Towards Blue Transformation*. Rome: FAO, 2022.
- Gemelli, C. E., & Oltramari, A. P. (2020). Voluntariado e formação da identidade: reflexões a partir da Psicodinâmica do Trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 20(1), 956-962.
- Gonçalves Neto, J. B. et al. (2021). A sleeping giant: the historically neglected Brazilian fishing sector. *Ocean & Coastal Management*, 209.
- Lancman, S., Ghirardi, M. I. G., Castro, E. D. D., & Tuacek, T. A. (2009). Repercussões da violência na saúde mental de trabalhadores do Programa Saúde da Família. *Revista de Saúde Pública*, 43, 682-688.
- Liu, B., Xu, M., Wang, J., & Xie, S. (2017). Regional disparities in China's marine economy. *Marine Policy*, 82, 1-7.
- Mendes, A. M. (2007). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In A. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- Minayo, M. C. S. (2010). Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In M. Minayo (Org.), *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (12a ed., pp. 261-297). São Paulo: Hucitec.

- Minayo, M. C. S., Deslandes, R. G., & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Organização Internacional do Trabalho. (2009). *Condições de trabalho decentes segurança e proteção social: trabalho na pesca*. http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_dialogue/---sector/documents/publication/wcms_161211.pdf
- Organização Internacional do Trabalho. (2020). *C188 – Referente ao Trabalho na Pesca*. https://www.ilo.org/brasil/convencoes/WCMS_242715/lang--pt/index.htm.
- Pires, A. P. (2008). Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In J. Poupart & J. P. Deslauriers *et al.* (Eds.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Santos, M. & Almeida, A. (2016). Pesca e saúde laboral. *Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional*, 2, 85-90.
- Soldera, L. M. (2016). Breve compêndio conceitual e metodológico da Psicodinâmica do Trabalho e da Psicossociologia. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 19(2), 243-253.
- Sznelwar, L. I., Uchida, S., & Lancman, S. (2011). A subjetividade do trabalho em questão. *Tempo Social*, São Paulo, 23(1), 11-30.
- Vézina, M. (1996). La santé mentale au travail: pour une compréhension de cet enjeu de santé publique. *Santé Mentale au Québec*, 21(2), 117-138.
- Ximenes, L. F. (2021). Produção de pescado no Brasil e no Nordeste brasileiro. *Caderno Setorial ETENE*. Ano 5, 150.
- Yang, D., Geng, H., Fu, Y. K., & Zhu, T. (2022). Sustainability Assessment of Marine Economy in China: Spatial Distributions of Marine Environmental Governance Entities in Shanghai. *Frontiers in Environmental Science*, 1083.